

A rede no outro lado da rede: estudo multietnográfico nos espaços públicos de acesso pago à Internet em Novo Hamburgo

The network on the other side of the net: A multietnographic study on the
public spaces with paid access to the Internet in Novo Hamburgo

Luís Marcelo Miranda

Universidade do vale do Rio dos Sinos. Av. Unisinos, 950, Cristo Rei, 93022-000, São Leopoldo, RS, Brasil
lmirandabr@gmail.com

Resumo. Este artigo aborda as interações e novas práticas sociais nos espaços públicos de acesso pago à Internet na zona central de Novo Hamburgo. Para isso, nasce a multietnografia, método que agrega a etnografia, fotoetnografia e netnografia simultaneamente. No campo, cafés (com *wi-fi*), cibercafés e *lan houses*, são observadas, relatadas e debatidas algumas das particularidades desses ambientes, que podem ser vistos como agregações ao ciberespaço. São mostrados exemplos concretos a partir de fotografias nos locais e anotações urbanas, descrevendo a realidade online e *offline* de espaços que servem de elo entre o físico e o virtual. São ambientes onde acontecem sociabilidades contemporâneas, emergência de novas formas de socialização, novos estilos de vida e novas formas de organização social.

Palavras-chave: interações, práticas sociais, multietnografia, espaços de acesso pago à Internet.

Abstract. This article discusses the interaction and new social habits in public spaces with paid access to the Internet downtown in Novo Hamburgo. For this, raises the multiethnography, a method that combines ethnography, photoethnography, and netnography simultaneously. In the countryside, cafes (with *wi-fi*), cybercafés, and *lan houses* are observed, reported and discussed some of the characteristics of those places, which can be viewed as aggregations to cyberspace. Concrete examples are shown from photographs on the places, and urban notes describing the reality of online and offline spaces that serve as the link between physical and virtual. They are places where contemporary sociability happen, emerging from new forms of socialization, new lifestyles and new forms of social organization.

Key words: interaction, social practices, multi-ethnography, places with paid access to the Internet.

Introdução

As relações sociais passam por uma grande mutação cultural e civilizacional. Na atual fase da sociedade da informação, o espaço urbano vivencia transformações importantes. Basta olharmos à nossa volta para constataremos que as cidades contemporâneas já estão sob o signo do digital. Em Novo Hamburgo não é diferente. A Capital Nacional do Calçado, cidade pioneira em muitos setores, também está se destacando nessa área. Em sua zona central, os cafés (com *wi-fi*), cibercafés e *lan houses*, espaços públicos de acesso pago à Internet e também de sociabilidade e socialidade contemporâneas, servem de campo para a pesquisa. O objeto são as novas práticas sociais associadas à Internet. A intenção é observar, relatar e debater algumas das particularidades das interações nesses ambientes, que podem ser vistos como agregações ao ciberespaço.

A transformação do urbano pelos artefatos e processos sócio-técnicos já não é novidade, mas a importância está em descobrir particularidades dessas mudanças, explicita Lemos (2007). “A prática social se apropriou da Internet em toda a sua diversidade”, como enfatiza Castells (2003, p. 99). No entanto, acrescenta o autor, essa apropriação tem efeitos específicos sobre a própria prática social. É o que foi pesquisado nas observações das interações *online* e *offline*. “O físico e o virtual se influenciam um ao outro e nos levam a uma nova noção de espaço”, garante Cardoso (1998, p. 116). Essas são as bases, segundo ele, para a emergência de novas formas de socialização, novos estilos de vida e novas formas de organização social. Novas formas de relacionamento social surgem com novas ferramentas de comunicação e Lemos (2003) cita as *lan houses* e cibercafés como exemplos. É o surgimento de novas relações mediadas, mas o autor complementa que

não se trata de substituição de formas estabelecidas de relação social.

A metodologia construída especificamente para ser aplicada nos espaços públicos de acesso pago à Internet é a multietnografia, que utiliza a etnografia, a fotoetnografia e a netnografia, ou etnografia virtual, simultaneamente. Trata-se de um método apropriado, preferencialmente, para pesquisas *online* e *offline*. Uma observação dentro e fora da rede mundial de computadores da mesma pessoa, conforme trata a metodologia, que será explicada mais adiante.

As fotos (Figura 1) representam a apresentação dos cenários de espaços públicos de acesso pago à Internet em Novo Hamburgo. Ambientes onde podem ser notadas diferentes interações e novas práticas sociais *online* e *offline*. Essa apresentação se faz necessária para que seja possível, já a partir dessa introdução, uma primeira leitura simbólica do que o artigo pretende mostrar como resultado: a busca de particularidades desse comportamento social associado à Internet. A parte ilustrativa da pesquisa é determinante no contexto do método, como será explicitado no decorrer do texto.

Práticas sociais associadas à Internet

A discussão ingressa na Galáxia da Internet, de que fala Castells (2003), e como consequência chega às novas práticas sociais. O autor garante que a Internet é o tecido de nossas vidas e passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede. Entra no debate Recuero (2009) afirmando que a Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade e que, entre as mais significativas, está a possibilidade de expressão e sociabilização por meio de ferramentas de conexão mediada pelo computador. Lemos (2003) antecipa que estamos vivenciando novas relações sociais eletrônicas e novas práticas comunicacionais.

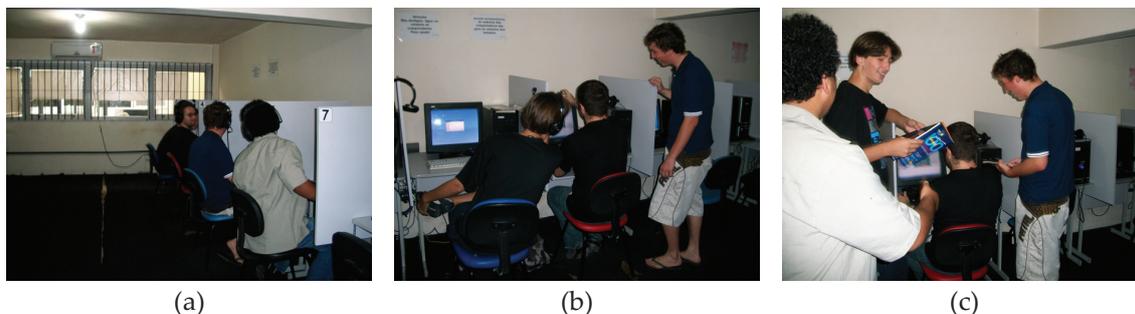


Figura 1. Os espaços públicos de acesso pago à Internet.
Figure 1. Public areas with paid access to the Internet.

Lévy (2001) enfatiza que a extensão do ciberespaço acompanha e acelera uma virtualização geral da economia e da sociedade. No entanto, Santaella (2002) afirma que neste ciberespaço a comunicação é interativa, ela usa o código digital universal, ela é convergente, global e planetária. No momento em que estão nos cafés (com wi-fi), cibercafés e *lan houses*, como mostram as fotos (Figura 2), as pessoas geralmente estão no ciberespaço. São espaços onde é possível lanchar, beber, bater papo em situações face a face e virtuais. O *offline* não fica esquecido, muito menos deixa de existir. Esta constatação é amparada por Fragoso (2003), quando diz que o ciberespaço está ancorado no usuário e em localidades reais. Um verdadeiro movimento social é responsável pela emergência do ciberespaço.

São três os tipos de situação interativa criados pelo uso dos meios de comunicação, conforme Thompson (1998): interação face a face, interação mediada e interação quase mediada. Na face a face, os participantes partilham do mesmo espaço e do mesmo sistema referencial de tempo. Existe diálogo e há ida e volta no fluxo de informação e comunicação. Os participantes para transmitir as mensagens empregam uma multiplicidade de deixas simbólicas, como piscadelas, gestos, sorrisos, entonação da voz, franzimento de sobrancelhas. Este tipo de interação é observado nos ambientes pesquisados, onde há diálogos e trocas de deixas simbólicas. Nas interações mediadas a transmissão de conteúdo e informação acontece entre interagentes situados remotamente no tempo e no espaço. Implica também o uso de um meio técnico, como fios elétricos, ondas eletromagnéticas. Há características que diferenciam os dois tipos. A face a face se dá em um contexto de co-presença; na mediada, os participantes não compartilham o mesmo referencial de espaço e de tempo.

Dentro dos cibercafés e *lan houses* percebe-se esses dois tipos de interações, sendo que a mediada acontece por meio do computador. O terceiro tipo de interação, a que o autor chama de quase mediada, refere-se às relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (jornais, rádios, televisão, livros, etc.). Ela se dissemina no espaço e no tempo e envolve certo estreitamento do leque de deixas simbólicas (Thompson, 1998). Segundo o autor, “os três tipos acima não esgotam os possíveis cenários de interação. Outras formas de interação podem ser criadas, por exemplo, pelo desenvolvimento de novas tecnologias da comunicação que permitem um maior grau de receptividade” (Thompson, 1998, p. 81). Essas “outras formas” são constatadas nesse estudo e desencadeiam um elo de interações, tendo por base as novas tecnologias, como será relatado mais adiante. Já a interação mediada por computador, tanto mútua como reativa, tem como base teórica Primo (2008). As interações reativas dependem da previsibilidade e da automatização nas trocas. Se algo foge do estipulado, pode ser recusado no processo e até mesmo terminar com a situação interativa. Já as mútuas se desenvolvem em virtude da negociação relacional durante o processo.

A mobilidade começa a provocar novas práticas sociais, que são visualizadas na busca de informações nos ambientes pesquisados. A prática junta-se à teoria com Pellanda (2008), quando o autor trata das novas formas de interações potencializadas pela mobilidade da informação. Redes sem fio *wi-fi* fazem com que a Internet ganhe movimento e maior possibilidade de imersão no ciberespaço. Segundo o autor, “a Internet começa a mostrar que o acesso em movimento pode significar alterações profundas em suas linguagens de comunicação” (Pellanda, 2008, p. 2). Castells (2003) diz que a série de situações sociais está sendo ampliada

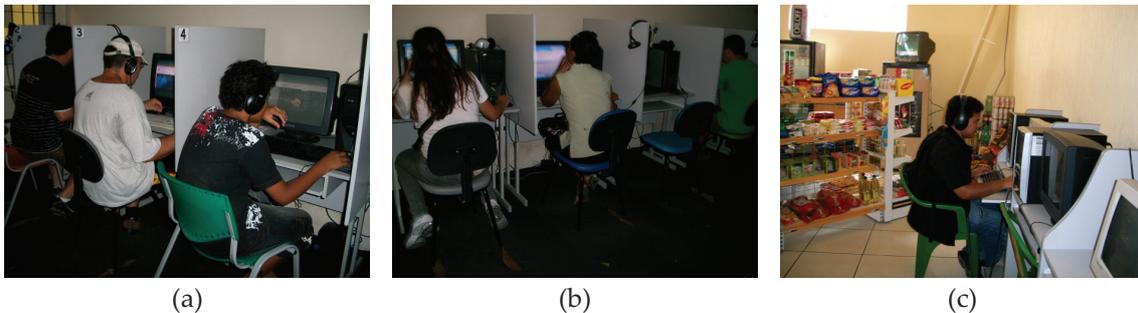


Figura 2. No ciberespaço e na localidade real
Figure 2. In cyberspace and in the real location.

pelas chances de interconexão personalizada, diante do projetado desenvolvimento da Internet sem fio. Com isto, os indivíduos estão tendo maior capacidade de reconstruir estruturas de sociabilidade de baixo para cima (Castells, 2003). A foto que segue (Figura 3) comprova o que dizem os autores. Em um café com *wi-fi* no shopping de Novo Hamburgo, jovens levam o notebook e ficam conectados. Há bate-papo, amizade ou namoro, *online* e *offline*. Na mesma mesa também podem ser vistos amigos em interações quase mediadas, com os livros ou escutando rádio.

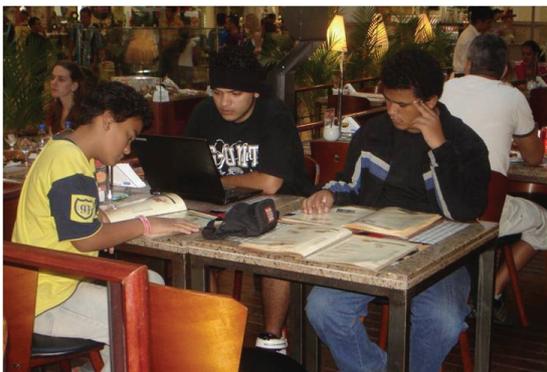


Figura 3. *Wi-fi* no shopping: *online* e *off-line*
Figure 3. *Wi-fi* in the mall, *online* and *off line*.

Maffesoli (1998) também contribui com o debate e mostra os pontos essenciais da sociabilidade. São marcas contemporâneas, como tribalismo, presentismo, vitalismo e formismo. Lemos (2002, p. 95) afirma que

a cibercultura, pela sociabilidade que nela atua, parece, antes de isolar indivíduos terminais, colocar a tecnologia digital contemporânea como um instrumento de novas formas de sociabilidade e de vínculos associativos e comunitários.

A multi-etnografia

Aproximando prática e teoria era preciso, então, compor o método, dando-lhe maior complexidade e tornando-o mais adequado ao próprio objeto de estudo. A escolha inicial, após a busca de alguns fundamentos teóricos e exemplos no mundo da comunicação, foi a etnografia. No entanto, ao chegar ao campo começaram a ser feitos registros fotográficos. Esses passaram a ter uma importância para explicitar o que pretendia ser mostrado. Houve necessidade de buscar suporte teórico na foto-etnografia. A história mostra muitas conexões entre a fotografia e a etnografia. Investigar as pessoas em interações mediadas por computador, nos cafés, ci-

bercafés e *lan houses*, levava também a observar o ciberespaço, mas do lado de fora da rede. Para que o círculo investigativo se fechasse, algumas observações passaram também a ser feitas *online*, sem a presença dos atores sociais, já entrevistados ou observados no campo. O conteúdo da netnografia ou etnografia virtual foi necessário para amparar teoricamente a prática realizada. Ao desenvolver uma forma metodológica juntando os três métodos, simultaneamente, de forma sistematizada, nasceu, então, o que decidimos chamar multi-etnografia.

Para que se tome por base metodológica a multi-etnografia é preciso seguir alguns critérios. Há a necessidade de que, pelo menos uma vez no decorrer da pesquisa, mostre-se a narrativa fotográfica de que fala Achutti (1997) sobre a foto-etnografia e a pesquisa *online* específica, de que trata a etnografia virtual. A base determinante permanece a etnografia, até porque os outros dois métodos são derivações dela. Para dar mais peso ao princípio de intersecção dos três métodos é preciso a utilização de maior número de fotografias. Mas essas não podem ser jogadas aleatoriamente. As justificativas para as ilustrações são sempre necessárias. No entanto, a supremacia do texto dissertativo é indiscutível. São importantes agregações, não substituições. É exatamente a soma dessas uniões que vai delineando, construindo o novo método.

É preciso ainda abordar os autores que tratam dos três métodos. Mas o que seria exatamente etnografia? *Etno* significa, em grego, povo, raça ou grupo cultural. *Grafia* significa escrita. A etnografia é uma subdisciplina da antropologia descritiva que se dedica a compreender crenças, valores, desejos e comportamentos dos sujeitos por meio de uma experiência vivida. A etnografia apresenta a interpretação problemática do autor acerca de algum aspecto da realidade da ação humana (Travancas, 2008). Estudo descritivo de um ou de vários aspectos sociais ou culturais de um povo ou grupo social. A observação-participante, pesquisa prolongada, descrição bastante detalhada e entrevistas são opções utilizadas, buscando sempre uma relação entre a teoria e a prática já realizada.

A participação do etnógrafo naquilo que investiga produz conhecimento, faz avançar a investigação. Faz surgir um problema fértil, que é o da relação que o observador-participante estabelece com as pessoas que encontra no campo (Caiafa, 2007), como mostra a Figura

O dia-a-dia no campo foi marcante para a construção dessa pesquisa, vivenciando

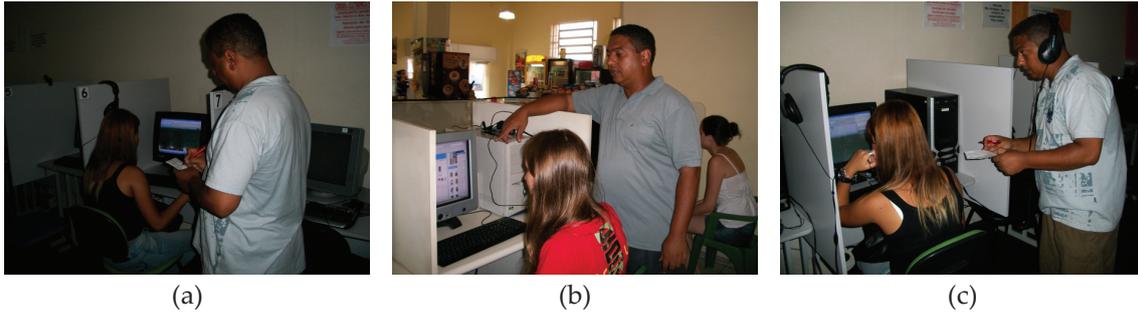


Figura 4. Observação-participante: pesquisador e fonte no campo
Figure 4. Participant observation: researcher and source in the field.

dificuldades e apreciando novidades, como comprovam as fotografias. Conforme Caiafa (2007), o estranhamento não é dado, é algo que se atinge, é um processo de trabalho de campo. É preciso estar disponível para a exposição à novidade, quer ela se encontre muito longe ou na vizinhança. A pesquisa pode ser bem-sucedida, tanto na situação de distância cultural ou geográfica, como no caso do pesquisador-insider, segundo Caiafa (2007). Mas é preciso não estipular regras, alerta a autora, porque há muitos fatores que concorrem em uma situação de pesquisa, bem como estilos de etnografia. Como estipular uma distância ou uma proximidade? Conforme Caiafa (2007), não há uma resposta definitiva. Mas é preciso agenciamento, que para ela é um tipo de arranjo ou conexão. A ilustração do pesquisador no campo mostra exatamente a construção dessa conexão, como exemplificam as fotos.

As fontes que sempre estavam presentes nos espaços pesquisados, como os funcionários e gerentes, foram de vital importância para o andamento do trabalho porque mencionavam informações/situações e outras fontes, pois continuavam no local, mesmo quando o pesquisador se ausentava. Mas também foi entrevistada a grande maioria das pessoas que estava conectada. Caiafa (2007), quando fala da relação do observador-participante com as pessoas que encontra no campo, afirma que vem sendo uma marca da pesquisa etnográfica a partilha de experiências com os “informantes”. É preciso a inclusão do investigador na situação que apura, porque envolve observação intensiva e, em algum grau, uma convivência, como comprovam as fotos do pesquisador em campo já mencionadas e mostradas.

A fotoetnografia é um termo cunhado por Achutti (1997) e propõe uma narrativa fotográfica autônoma do texto escrito. Segundo ele, é um exercício utilizando a fotografia, no sentido

de uma narrativa etnográfica, o qual chamou de fotoetnografia. A intenção é dar mais profundidade aos resultados. Um empreendimento etnográfico consiste no esforço de análise e interpretação na busca de delinear a cultura de um determinado grupo social e o pesquisador pode utilizar várias técnicas de pesquisa para enriquecer o estudo. A fotografia entra no presente estudo como complemento em algumas situações e como narrativa em outros, de forma importante para explicitar o objeto.

A observação do objeto acontece em um espaço que serve de elo entre o físico e o virtual. A abordagem foi *online* e *offline*. Dessa forma também foi utilizada a netnografia. Era preciso analisar por onde andavam os pesquisados no ciberespaço. Conforme Braga (2007), a interação social na Internet tem um processo recente e parte das estratégias foi adquirida por apropriação e adaptação de regras já estabelecidas, atendendo demandas situacionais, até que se consolide uma cultura da atividade *online*. Sá (2002) trata sobre netnografias nas redes digitais e diz que a comunicação em rede estrutura a vida social contemporânea. Ela vai mais longe quando afirma que as chamadas comunidades virtuais são espaços para o convívio com a diversidade e complexidade do comportamento social contemporâneo, ao mesmo tempo em que servem de abrigo para o indivíduo que se refugia entre iguais.

É preciso aqui problematizar também o que diz Amaral (2009), quando trata do pesquisador-insider e das práticas comunicacionais na web, ao argumentar sobre autonetnografia e inserção online. A autora compreende a autonetnografia como ferramenta reflexiva para discutir os múltiplos papéis do pesquisador, quando esse pode também ser fator de interferência nos resultados e no próprio objeto pesquisado. Segundo a autora, elementos autobiográficos do pesquisador ajudam a desvelar

diferentes contornos e enfrentamentos do objeto de pesquisa em um fluxo narrativo de cuja análise sujeito e objeto fazem parte. Ao buscar embasamento em Amaral (2009) estamos reforçando o método multietnográfico, que transita entre o *online* e *offline*, porque pesquisador e pesquisado também se envolvem na interação face a face e mediada por computador.

Amaral (2009) relata apontamentos sobre sua experiência como pesquisadora-insider, descritos por meio da técnica de autonetnografia. Essa, para Amaral (2009), não constitui um método, mas uma ferramenta que legitima seu conhecimento pessoal. No caso da pesquisa apresentada nesse artigo, a intersecção de diferentes métodos resultou na composição da multietnografia. A aproximação com a ferramenta autonetnográfica acontece porque em ambos o pesquisador tem múltiplos papéis e pode haver interferência nos resultados. A presença do pesquisador dentro dos espaços de acesso pago à Internet em Novo Hamburgo, em situações em que se identificou e conversou com fontes, exemplifica possibilidade de interferência subjetiva nas respostas dos entrevistados. O estudo de Montardo e Passerino (2006) sobre a netnografia como metodologia de pesquisa qualitativa para o estudo de espaços de socialização mediados por computador também colabora para o enriquecimento teórico desse artigo. As autoras, quando citam Kozinets (2002), colocam três formas de emprego da netnografia: (i) como ferramenta metodológica para estudar comunidades virtuais puras; (ii) como ferramenta metodológica para estudar comunidades virtuais derivadas; e (iii) como ferramenta exploratória para diversos assuntos. A primeira trata das relações sociais somente na comunicação mediada pelo computador. Na segunda alternativa, o método netnográfico é utilizado como ferramenta complementar a outros tipos de abordagens, como, por exemplo, entrevistas pessoais. A netnografia entra no estudo dos espaços públicos de acesso pago à Internet exatamente como uma ferramenta complementar. As fontes foram abordadas no espaço físico e muitas também pesquisadas na rede. Há que se deixar claro que nesse estudo a função complementar não desmerece ou deixa menos importante o método netnográfico, apenas o situa em papel coadjuvante, já que a netnografia é uma adaptação da etnografia em ambiente web, como relatam as autoras. As constatações dessa pesquisa da rede no outro lado da rede são amparadas teoricamente pelas autoras, quando reconhe-

cem que aspectos das relações empreendidas em comunidades virtuais não se restringem às comunicações mediadas por computador, influenciando também a vida das pessoas envolvidas para além dessa situação. As autoras acrescentam que entre as desvantagens da netnografia está a limitação importante quanto à comunicação não-verbal dos entrevistados. Na pesquisa dos espaços públicos de acesso pago à Internet foi possível constatar dados coletados em uma entrevista face a face que não estavam ou que foram colocados de forma diferente no Orkut, por exemplo. Essa foi uma das particularidades constatadas ao pesquisarmos o comportamento social associado à Internet. De igual forma as autoras concordam no referido estudo que um aspecto que a netnografia apresenta como limitação frente à etnografia tradicional diz respeito à identidade e veracidade dos participantes. E também ressaltam que é possível combinar dados netnográficos com outros (entrevistas, grupos focais, sondagens, etc.), a fim de se obter uma compreensão mais ampla sobre determinada população pesquisada. Exatamente essa combinação é a que foi comprovada na prática na pesquisa multietnográfica.

Espaços de elo entre *online* e *offline*

O estudo dos espaços públicos de acesso pago à Internet em Novo Hamburgo mostra uma realidade que acontece em outras cidades brasileiras. A Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil identifica os centros públicos de acesso pago como o principal local de uso da Internet no País. No Brasil, em 2008, com 48% das menções, os centros públicos de acesso pago ficam à frente dos domicílios, que foram citados por 42% dos respondentes. O estudo é realizado pela Nic.br (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, 2009), que é uma entidade civil, sem fins lucrativos, criada para implementar as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009), que é responsável por coordenar e integrar as iniciativas de serviços da Internet no País.

Cinco espaços foram, inicialmente, investigados em Novo Hamburgo: Café Paris; Cybercafé e Lan House Eh Fróids; Café Mule & Bule; Espaço 10 Lan House e Videolocadora, que depois passa a chamar-se Espaço 10 Lan House e Café; Real Videolocadora e Lan House. O Café Paris fechou em dezembro de 2008. A

decisão foi manter o que até aquele momento havia sido registrado. Em janeiro de 2009, outro espaço começou a ser pesquisado. O Manéh Café. O local já estava sendo observado, informalmente, desde julho de 2008 quando foi inaugurado. Foi realizado um mapeamento do local delimitado, chamado de zona central hamburguense. Esta zona não abrange apenas o Centro da cidade; ela agrega bairros vizinhos, que mantêm uma intersecção.

A magia dos antigos cafés, o lugar de encontros, de sociabilidade, dá lugar aos cibercafés, que é a atualização ou conceito moderno de cafés. São espaços virtuais, interconectados, que geram novas formas de consumo, produção, serviços qualificados e de relações sociais (Lemos, 2002). Em uma relação histórica entre o cibercafé e a cidade hamburguense encontra-se novidades. O primeiro cibercafé surge em Londres em 1994 e já em 1996 são inaugurados dois espaços públicos para acesso pago à rede mundial de computadores em Novo Hamburgo.

Foram observados nos espaços pesquisados muitos casos de pessoas sem computadores e outras com computadores, mas sem Internet, com idades e motivações variadas para estarem naquele determinado ambiente do cenário urbano. As pessoas aproveitam o espaço onde podem se encontrar, comer e beber alguma coisa para também estarem conectadas. O *online* e o *offline* dividem este espaço físico. Lévy (2001, p. 128) diz que “é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional”. Mesmo não tendo computador em casa, muitos pesquisados mantêm uma assiduidade média semanal de atualizações no Orkut e outros sites de relacionamentos, chegando a duas vezes por semana, em algumas situações. Isto mostra também o quanto a *lan house* é visitada. O assunto predominante nos recados é a amizade, mensagens e diálogos, como: “Você será minha amiga pra sempre”. Vários amigos são conhecidos e há interações com colegas de aula, de trabalho, de balada ou apenas virtuais. Sempre com interesses em comum, o que os coloca na mesma rede social.

Nos ambientes de acesso pago à Internet, na zona central hamburguense, os sites de relacionamentos são responsáveis por grande parte da motivação da conexão. Da mesma forma que neste cotidiano encontra-se o *online*, o *offline* não perde o sentido, muito menos deixa de existir. Recebe componentes facilitadores

para a aproximação. Em alguns cafés/cibercafés nota-se que as pessoas que estão ali no espaço físico, arquitetaram o encontro quando conversavam *online*. O interessante é que esse encontro foi programado para um determinado local onde há a possibilidade de também ficarem conectadas. Nota-se claramente um comportamento social associado à Internet. Na mesma rota da constatação dessa pesquisa está Fragoso (2008), quando lança um olhar sobre as relações entre território e identidade a partir do Orkut. A autora constata que “a motivação mais evidente das referências territoriais nos sistemas e ambientes de interação *online* é de ordem absolutamente prática: pergunta-se ‘de onde t’ com a intenção de estabelecer laços sociais possíveis de estender à vida *offline*” (Fragoso, 2008, p. 113). Esses laços só se tornam possíveis com a aproximação geográfica, com interesses comuns. O que é percebido nos ambientes delimitados neste estudo.

Todos os espaços públicos de acesso pago à Internet que foram pesquisados abrigam públicos variados. Diferentes motivações de acesso, classes sociais, perfis e idades. Foram observadas de crianças de 6, 7 anos a usuários com mais de 70 anos. No mesmo espaço estavam, por exemplo, um homem com 72 anos e um garoto de 12. Cada um com interesses diferentes para o acesso, mas dividindo o mesmo desejo de estar conectado. Atores e conexões. O conjunto desses dois elementos define o que é uma rede social. O que são os atores? São os nós da rede, pessoas, instituições ou grupos. E as conexões? São as interações ou laços sociais. Há necessidade de que sejam discutidas as redes sociais na Internet e as diversas mudanças que esta trouxe à sociedade. Entre essas modificações está a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada por computador (CMC), conforme base teórica focada em Recuero (2009). Diferenças marcantes de expressão e sociabilização *offline* e *online*.

A busca de conexão não é algo expressamente solitário, dentro de casa. Os espaços públicos que proporcionam essas interações em Novo Hamburgo, dentro e fora da rede, estão sendo construídos diariamente pelos atores sociais. Dentro dessa variação de público, encontra-se também uma segmentação, dependendo do local e horário. Em algumas situações havia uma presença mais acentuada de grupos de jovens. No entanto, aquela ideia de uma *lan house* extremamente juvenil, por exemplo, com adolescentes motivados

apenas por jogos, não é a realidade absoluta. Há também pessoas trabalhando, procurando emprego, mandando currículos, estudando, pesquisando, buscando bate-papo, amizade, namoro, entretenimento, pornografia. Quase sempre na busca do outro na rede. Os sites de relacionamentos já fazem parte do cotidiano das pessoas de diferentes idades. Uma nova forma de estar junto, de procura e de preservação de relações, fortes ou fracas, com ou sem reciprocidade, mas em busca de uma “tribo”.

Várias são as interações percebidas. Pelo espaço, aqui não serão relatadas todas, mas algumas que representam o perfil da maioria. Um dos casos, decidi chamar de interações sexualmente mediadas. Os pontos pesquisados mostraram, desde o início da busca no campo, acessos a sites pornográficos. Situações pela manhã, tarde e noite. A intenção não é julgar, mas relatar tais particularidades porque fazem parte dos espaços pesquisados. Na verdade, todos que cruzam os ambientes de acesso pago estão revelando algo representativo de suas intimidades, personalidades, anseios. Tanto no namoro, na amizade, nos games, falando com familiares distantes, trabalhando, estudando, buscando entretenimento. A Internet possibilita que os laços sejam mantidos à distância.

Em uma das visitas ao campo de pesquisa, o terceiro computador da fila de oito, mudou de tela rapidamente quando o pesquisador se aproximou. Preferiu não falar. Estava em um site de mulheres nuas. Aparentava 35/37 anos, bem-vestido, boa aparência, aliança na mão esquerda. No Espaço 10, em um sábado, às 10 horas da manhã, estava um senhor de 60 anos navegando e falando com familiares distantes, uma jovem de 18 anos no *orkut*. Dois rapazes, de 19 e 20, nos *games*, e um homem de 30 anos vendo um filme pornográfico de uma mulher e um cavalo. Não cabe aqui analisar se os laços afetivos eram fortes ou fracos. Em outra ocasião, também pela manhã, em uma quinta-feira, um rapaz que aparentava 20 anos estava em site pornô. De alguma forma estava interagindo, como se estivesse construindo um site. Buscava fotos, analisava. Em alguns momentos parecia que reconstruía a figura. Talvez elaborando um avatar. São leituras livres do pesquisador diante do cenário observado. É interessante frisar que, dos casos percebidos, somente um homem era jovem. A maioria deveria ter mais de 30 anos.

Em uma das entrevistas no Manéh, por exemplo, uma garota de 17 anos, que não ti-

nha computador em casa, disse ser bastante tímida e que o Orkut havia ajudado a ter amigos. “De verdade.” Mesmo que virtuais. Mas ela não fazia a diferenciação. Aqui entra a pesquisa *online* (sem que o entrevistado saiba) e *offline*, de que trata o método multietnográfico. No ciberespaço havia recados para encontros *offline*, tanto para lazer como para estudo. A jovem batia muito papo com diversos amigos virtuais e não parecia tímida e sim bastante ousada. A foto do perfil dela no Orkut também não mostrava timidez. Um plano quase de corpo inteiro, com movimento. Parecendo bastante ágil. Representações possibilitadas pela conexão. O cenário do fundo, uma parede de tijolos sem reboco de cimento, mostrava a naturalidade e identidade com o meio onde vive. Em outro encontro com a mesma garota na *lan house* foi feita nova entrevista revelando conhecer seu perfil na rede. Para ela, em nenhum momento havia contradições ou omissões. Ela respondeu: “É assim mesmo. Todo mundo faz assim.” O que foi percebido era que alterar o perfil *online* era considerado algo correto, como se fosse uma “norma” estabelecida por todos.

Outro jovem, de 23 anos, negro, morador de Novo Hamburgo, que também não possuía computador em casa, estava conectado há mais de duas horas em plena manhã de sexta-feira na Real Videolocadora e *Lan House*, no calçadão. Estava em um site de relacionamento. Fazia parte de uma rede social. Segundo ele, “uma forma de encontrar novas amizades. É que no Orkut parece que somos todos iguais”. Segundo ele, não havia na rede a discriminação que a interação face a face poderia desencadear. Preferiu não ser identificado. A representação do seu perfil na rede tinha traços da sua realidade e também uma construção de dados, que ele teria achado necessário para tornar fácil o pertencimento àquela rede social. Exatamente o espaço que possibilita o elo entre o físico e o virtual, tendo por base a multietnografia, também oferece outra leitura dos atores sociais. Ao ser observada a referida construção de dados na rede social foram notados “rastros” interessantes. O jovem negro não dizia no Orkut que estava desempregado. Também não mencionava que não tinha computador em casa. O espaço público de acesso pago possibilita essas percepções dos atores sociais, que se fossem buscadas somente na rede poderiam ter outra versão.

Conforme Recuero (2009) é fundamental compreender como os atores constroem esse

espaço e que tipo de representações são colocadas. Há que também levar em conta que na Internet os atores são constituídos de forma diferenciada, por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social. Assim, trabalha-se com representações dos atores sociais. Eles são compreendidos como indivíduos que agem através de seus fotologs, weblogs, páginas pessoais, perfis no Orkut, nicknames, etc. (Recuero, 2009). Exatamente como relata a autora, o jovem de 23 anos construiu na rede social uma representação. Os outros detalhes foram percebidos graças à comunicação face a face. É possível acrescentar dados ao que diz Recuero (2009). No ciberespaço, em algumas situações, há ausência de informações que podem ser percebidas na comunicação *offline*.

Na narrativa fotográfica, apresentada na Figura 5, é possível visualizar as interações de dois irmãos que não possuíam computador em casa em 2009 e visitavam sistematicamente a *lan house*, como se visitassem um amigo ou um parente. Eles mantinham atualizados os sites de relacionamentos. É preciso fazer uma reflexão: até que ponto o acesso pago não é também uma forma de inclusão digital?

Aqui também é preciso tensionar a prática constatada no campo e a teoria que revela Santaella (2007). “As práticas de acesso estão também construindo um novo espaço de misturas inextricáveis entre o virtual (o ciberespaço)

e os ambientes físicos em que nosso corpo biológico circula” (Santaella, 2007, p. 218). As localizações dos espaços de conexão traçam o perfil das práticas de parte do público hamburguense. A Real está localizada no calçadão da cidade, onde não passam veículos, e transitam centenas de pessoas em um vaivém de micromotivos. O freqüentador é mais casual. Aquele que precisa imprimir um boleto, mandar um e-mail. O Espaço 10, por estar localizado em uma galeria comercial e próximo a uma rua onde há muitas lojas de calçados, recebe frequentemente comerciários. Todos os dias, nos horários de intervalo para lanches, ou na hora do almoço, os comerciários comparecem na *lan*. Quase sempre em grupo. Muitas vezes, dois, três ou mais partilhando a mesma máquina. Em alguns casos são acessos particulares. A sociabilidade e a socialidade aparecem novamente no ambiente, onde os usuários dividem simultaneamente o bate-papo *online* e *offline*. Também laços fortes e fracos.

Perto do Manéh tem danceterias e o espaço conquistou as turmas de amigos, antes e depois das baladas. É o único, dos espaços pesquisados, que abre na madrugada. Surpresa também para o proprietário. Há vários outros bares que vendem as mesmas coisas, mas o acesso à Internet é o grande diferencial, que, segundo ele, mudou o comportamento social dos clientes. A maioria é composta por tur-

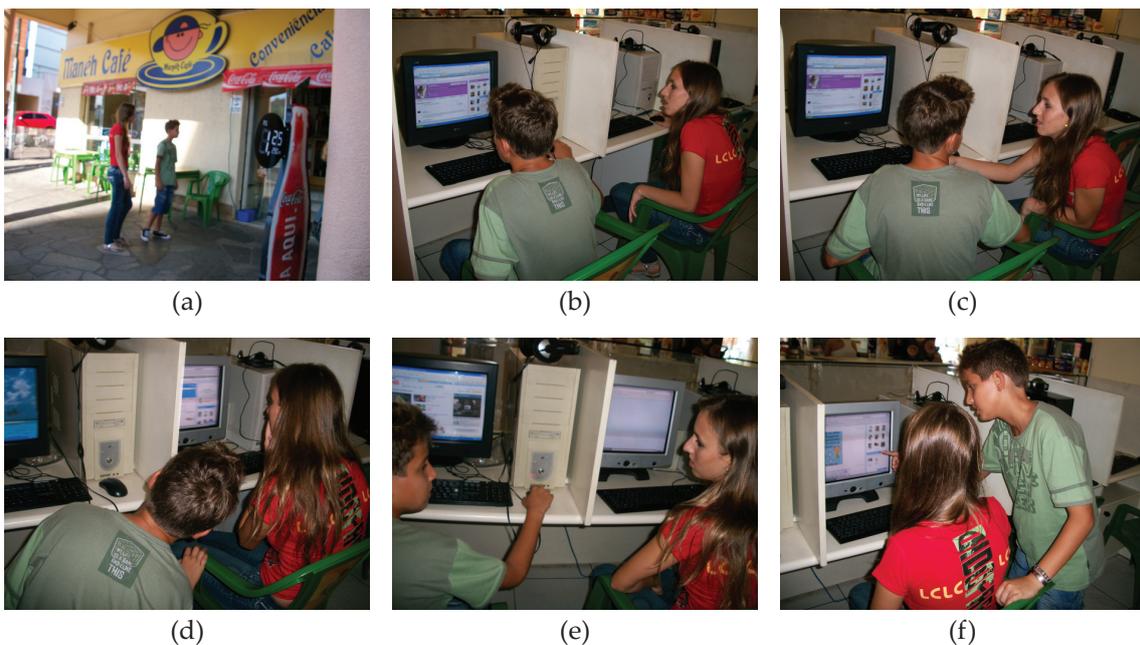


Figura 5. Interações e acesso ao mundo digital
Figure 5. Interactions and access to the digital world.

mas (entre 18 e 30 anos). Chegam para beber uma cerveja, bebidas destiladas ou refrigerantes. Alguns comem alguma coisa. Geralmente marcam encontro no local, para depois seguirem para danceterias. As conversas *online* e *offline* acontecem simultaneamente. Sem nenhum tipo de problema. Quase sempre duas ou três pessoas compartilham a mesma máquina. Um sentado, dois atrás, de pé, bebendo ou comendo. *Games*, MSN, Orkut, Youtube, *e-mails*. Muitos chegam e mandam mensagens para outros amigos, convidando para festa, cobrando o atraso, brincando, conversando. Uma descontração normal como em qualquer barzinho, com o diferencial da desterritorialização proporcionada pelo ciberespaço.

Após a saída da balada, alguns retornam ao Manéh. De novo, lanches rápidos, mais bebida, e o acesso variado. Muitos levam máquinas digitais para as baladas. Esse equipamento já faz parte “da indumentária”. Na volta, aproveitam para descarregar as máquinas no Manéh, porque é mais rápido do que em casa. Aglomeram-se para postar as fotos no Orkut e também para entrar no *site* da balada e ver suas fotos. Recados pro “ficante” da noite. Antes de chegar à residência, já vai estar lá uma mensagem para ele. Aproveitam para em grupo pesquisar nos *sites* de relacionamentos detalhes da vida dos recém-conhecidos na balada. Há casais que se formaram naquela noite e passam no local e aproveitam o espaço. Uma espécie de apresentação, como se fosse a própria casa, só que virtual. Novidades de *sites* e outros detalhes da rede são comentados. São novas sociabilidades contemporâneas presenciadas durante a pesquisa.

Em uma das visitas ao Espaço 10, de seis pessoas conectadas, apenas uma não tinha computador em casa. As outras possuíam a máquina, mas não tinham ou estavam sem Internet. Um menino de sete anos, morador do Centro, estava conectado em um jogo que não tinha em casa, porque não foi possível baixar. Estava sem Internet. Um rapaz de 16 anos, do bairro Roselândia, estava no Orkut. Um garoto de 13 anos estava no Google. Outro de 14 estava jogando, ambos de Canudos. Uma moça de 19 anos estava fazendo pesquisa escolar e aproveitando para acessar o Orkut. Tinha computador há quatro meses, no bairro Santo Afonso, onde mora, mais ainda não havia conseguido colocar Internet. O único que não tinha computador era um homem de 32 anos. Mora no bairro Scharlau, em São Leopoldo e trabalha em Novo Hamburgo em uma fábrica de injetados. Havia

saído do emprego, no meio da tarde de sábado, e passou na *lan*, antes de ir para casa. Estava utilizando a máquina para MSN, Orkut, e-mail. Não tem computador, tem endereço eletrônico e estava em *site* de relacionamento. Não é um “analfabeto digital”.

Nos espaços comunicacionais urbanos, onde há a conexão paga, variações e elo de interações são constatados, como alguns casos que seguem. Ainda na madrugada há muitos exemplos de sociabilidades. O fato de possibilitar o acesso ao ciberespaço foi um dos grandes atrativos ao Manéh. Uma das evidências, que serve como representação de outras: três jovens, 19, 20 e 23 anos, trabalham na área de informática, no suporte de uma grande empresa em Campo Bom. Dois residem em Novo Hamburgo e um em Portão. Após o trabalho, resolveram tomar algumas cervejas e bater papo em algum bar hamburguense. Estiveram em dois locais no Centro. Resolveram caminhar várias quadras e foram ao Manéh. Um deles já conhecia o local e sabia da possibilidade do acesso à Internet. A escolha do local foi por causa da conexão. Continuaram tomando cerveja e dividiram um dos computadores. O único que estava vago. O papo *offline* continuou, mas com o acréscimo do *online*. Entraram no MSN, fizeram contato com outros amigos. Passaram pelo Orkut, Youtube, outros *sites*. Experimentaram alguns *games* e falaram muito sobre o assunto. Seguiam do computador até a mesinha onde estavam os copos de cerveja. Às vezes, dois estavam na mesa conversando e o terceiro na máquina. De repente, esse gritava, “vem ver isso aqui”. Os três compartilhavam a máquina, davam gargalhadas, opinavam, brincavam. Exatamente como qualquer trio de jovens, em qualquer bar da esquina (a propósito, o Manéh fica em uma esquina) de qualquer lugar do mundo, no século 20 ou no século 19, nos antigos cafés. A diferença, neste século 21, está no compartilhamento da interação face a face com a mediada pelo computador. O papo sobre as namoradas também rolou, nas duas esferas. Um deles, que havia brigado com a garota, queria dar uma olhada no Orkut dela, mas pediu para um dos amigos, para que ela não percebesse que ele estava “espiando”.

Saudades de amigos e familiares, encontros de amizade e namoros, entre outras relações, colocam nos espaços públicos de acesso pago e na Internet muitos exemplos de laços fortes e fracos. Os conteúdos e mensagens mostraram uma conexão entre os envolvidos como afirma Recuero (2009). Ao mesmo tempo exemplos de

amizades e namoros *offline* dentro dos ambientes pesquisados podem ser considerados como laços fortes, quando esses atores mantinham vínculos de encontros marcados e seguidos, tanto na *lan house* como na Internet. Havia grupos de colegas de trabalho que freqüentavam todos os dias o Espaço 10, na hora do almoço e do lanche. Interações *online* e *offline* simultâneas. Laços multiplexos, conforme Recuero (2009). Os assuntos comuns do cotidiano do grupo, alguns bem íntimos, passavam do plano físico ao virtual ou vice-versa durante os encontros face a face e conectados podem ser observados nesses territórios. Em um sábado à tarde, um jovem de 19 anos, que trabalhava em um frigorífico, estava com a namorada compartilhando o computador. Não faltaram lanchinhos, refrigerantes e beijinhos. O motivo do acesso: velocidade. Em casa, ele tinha computador e Internet, mas “apenas” menos de um mega. E não 15 mega, como no Espaço 10. Ele disse que baixa muita coisa rapidamente e grava. Depois, vende os CDs/DVDs para os colegas. Inclusive, recebe encomendas, principalmente de *games* e música. O casal ainda aproveitava para navegar, usar o MSN, e participar de sites de relacionamentos. Os laços afetivos conseguem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais em qualquer local do mundo. No ciberespaço também há busca do amor. Vários foram os exemplos de namoros nas *lan houses*. E namoros com hora e dia marcados. Outro indicativo de que o local não é 100% *games*, embora estes sejam o carro-chefe do negócio, em alguns casos. Um jovem de 22 anos estava frequentando o local assiduamente três vezes por semana. Ele não tinha computador em casa, no bairro Ideal. A namorada dele era de Santa Catarina, Florianópolis. Os dois namoravam *online*, às quartas, sábados e domingos. Os próximos horários eram marcados no último encontro na rede. O relacionamento já durava um ano e seis meses. Algumas vezes ele ia até Santa Catarina, outras ela vinha para Novo Hamburgo. Mas, diante das despesas, esses encontros face a face estavam cada vez mais raros, mas, segundo ele, o namoro continuava firme virtualmente.

Em outra das várias situações, duas amigas, 16 e 17 anos, estavam compartilhando a mesma máquina no Espaço 10. Moradoras do bairro Canudos, não tinham computador em casa, mas as duas possuíam Orkut. Estavam, exatamente, deixando recados para outras amigas e para os “gatinhos”. E mais: uma das duas tinha MSN. Estavam *online* conversando

ao mesmo tempo em uma interação mediada pelo computador e numa interação face a face.

Nas interações que fazem elo entre o *online* e o *offline* é possível constatar muitos exemplos de laços sociais. Os casos exemplificados aqui retratam grande parte do todo observado. Dois amigos, colegas de trabalho, 33 e 35 anos, encostavam suas motos na frente do Manéh quase todos os dias (“religiosamente”, garante o proprietário). Em uma das oportunidades de observação e entrevistas na madrugada, eles chegaram ao local. Pediram duas cervejas e logo conseguiram duas máquinas. Um ao lado do outro, por uma hora. Jogando, conversando, rindo, tomando cervejas. Os dois trabalham com transporte escolar em vans. Justificaram que, ao invés de seguirem para suas casas e ficarem jogando sozinhos por um tempo, tendo ainda a possibilidade das esposas reclamarem, era mais prazeroso juntar as duas situações. Bate-papo com o amigo no café, jogar e ainda dividir uma cervejinha. Em outro exemplo pesquisado, jovens levaram para o *shopping* o *notebook* e ficaram conversando, tomando refrigerantes ou chopes e conectados. Neste exemplo nota-se o *online* e o *offline*. O garoto vai ao *shopping* para paquerar ou conversar com os amigos, mas não dispensa o ciberespaço. Não é preciso mais ficar isolado dentro de casa para curtir o *game*. Percebe-se aqui a sociabilidade contemporânea e também o efêmero, a socialidade de que trata Maffesoli (1998).

Considerações finais

Interações e novas práticas sociais foram possíveis de serem observadas nos espaços públicos de acesso pago à Internet na zona central de Novo Hamburgo. Foi constatado também o que aqui ficou definido chamar de elo de interações. O que seria isso? Diferentes tipos de interações acontecendo ao mesmo tempo. Interação face a face e interação mediada por computador, mútua e às vezes também reativa, simultaneamente. Ao elo ainda pode ser acrescentada a interação quase mediada. Os interagentes (que vamos chamar de A, B, C, D) exemplificam o exposto acima da seguinte forma: A está na frente da máquina onde acontece uma interação mediada por computador. Chegam B e C e ficam atrás da cadeira de A, em pé. Os três começam a conversar. Acontece a interação face a face. Bate-papo, risos. C aponta pra tela do computador. Interagem sobre o que estão lendo. B tecla alguma coisa

para mostrar outro link. Também há troca de papéis dos atores sociais durante as interações. B passa a mediar diretamente com o computador por alguns instantes. Continuam conversando. Um elo entre a interação mediada por computador e a face a face. Pode-se dizer ainda que A e C estão também, de uma forma indireta, participando da interação mediada por computador.

Mas é preciso frisar que cada uma das interações não perde sua característica específica. Não se “diluem”. Há uma intersecção. Ainda é possível notar características da interação mútua, pois os interagentes estavam debatendo e tendo convicções diferentes, tanto com o que acontecia *online* e *offline*, sem que isto impedisse a interação. Em outra oportunidade acontece um caso semelhante. Só que um dos interagentes estava com uma revista aberta na mão. Conversava um pouco com os outros dois (um sentado na máquina, outro ao lado) e por alguns instantes continuava lendo. Em outro momento, um deles ainda falava ao celular. Um elo entre a interação face a face, a mediada por computador e a quase mediada. Essa última, conforme definição de Thompson (1998), já descrita anteriormente.

Thompson admite a possibilidade de mistura de diferentes formas de interações no fluxo da vida diária. Da mesma forma, Primo (2008) lembra que os dois tipos interativos, mútua e reativa, não se estabelecem de forma

exclusiva, quando ele escreve sobre a interação mediada por computador. “Pode-se então pensar em algo como uma multi-interação, no sentido de que várias podem ser as interações simultâneas” (Primo, 2008, p. 229). A constatação do autor também foi confirmada nos cibercafés e *lan houses* hamburgueses (Figura 6).

A proposta deste artigo foi observar, relatar e discutir diferentes particularidades nos espaços públicos de acesso pago à Internet, *online* e *offline*. No cenário urbano da zona central hamburguesa reconfigurada por computadores pode-se notar novas práticas sociais e interações como consequência do acesso à Internet, como foi relatado e fotografado. Foram apontados alguns caminhos, algumas surpresas. Mesmo assim ainda há problematizações despertadas que podem ser alvo de outras reflexões.

Referências

- ACHUTTI, L.E.R. 1997. *Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre o cotidiano, lixo e trabalho*. Porto Alegre, Palmarinca, 168 p.
- AMARAL, A. 2009. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*, 11(1):14-24.
- BRAGA, A. 2007. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. In: ENCONTRO DA COM-

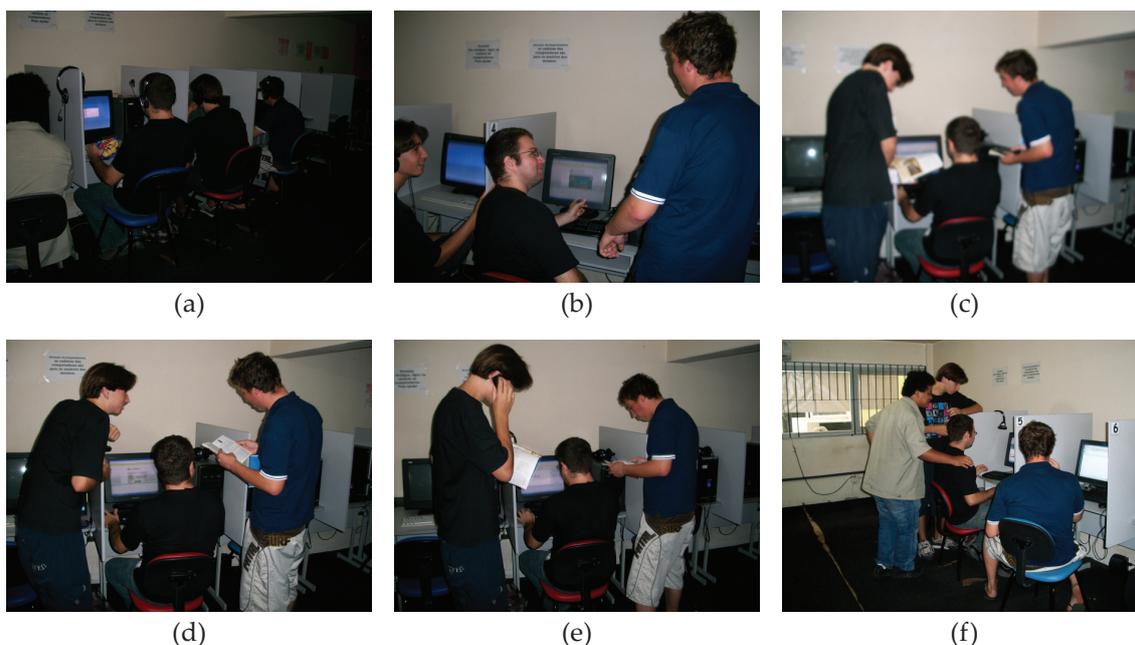


Figura 6. Espaço de elo de interações
Figure 6. Area for interaction connections.

- PÓS, 26, Curitiba, 2007. *Anais...* Belo Horizonte, COMPÓS. Acessado em: 02/03/2008, disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_ca_162.pdf
- CAIAFA, J. 2007. *Aventura das cidades: ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro, FGV, 184 p.
- CARDOSO, G. 1998. *Para uma sociologia do ciberespaço: comunidades virtuais em português*. Oeiras, Celta, 150 p.
- CASTELLS, M. 2003. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 243 p.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. 2009. Acessado em: 20/09/2009, disponível em: <http://www.cgi.br/sobre-cg/index.htm>.
- FRAGOSO, S. 2008. Conectibilidade e Geografia em Sites de Rede Social: um olhar sobre as relações entre território e identidade a partir do Orkut. *Revista Galáxia*, 16:109-121. Acessado em: 15/09/2009, disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/viewFile/6667/6027>
- FRAGOSO, S. 2003. Um e muitos ciberespaços. In: A. LEMOS; P. CUNHA (orgs.), *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre, Sulina, p. 212-231.
- KOZINETS, R. 2002. The Field Behind the Screen: Using Netnography For Marketing research in Online Communities. Disponível em: <http://research.bus.wisc.edu/rkozinets/printouts/kozinetsFieldBehind.pdf>. Acesso em 20/10/2006.
- LEMOS, A. 2003. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: A. LEMOS; P. CUNHA (orgs.), *Olhares sobre a cibercultura*. Porto Alegre, Sulina, p. 11-23.
- LEMOS, A. 2002. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre, Sulina, 328 p.
- LEMOS, A. 2007. Cidade e mobilidade. Telefones Celulares, Funções Pós-Massivas e Territórios Informacionais. *MATRIZES. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo*, 1(1):121-137. Acessado em: 10/05/2009, disponível em: http://www.matrizes.usp.br/ojs/index.php/matrizes/article/view/15/pdf_8
- LÉVY, P. 2001. *O que é o virtual?* São Paulo, Editora 34, 157 p.
- MAFFESOLI, M. 1998. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 209 p.
- MONTARDO, S.P.; PASSERINO, L.M. 2006. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. *RENOTE: revista novas tecnologias na educação*, 4(2). Acessado em: 25/02/2011, disponível em: <http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/14173/8102>.
- NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. 2009. Acessado em: 20/09/2009, disponível em: <http://www.nic.br/sobre-nic/index.htm>
- PELLANDA, E.C. 2008. Comunicação móvel: das potencialidades aos usos e aplicações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31, Natal, 2008. *Anais...* São Paulo, Intercom. Trabalho apresentado no NP Tecnologias da Informação e da Comunicação do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação. Acessado em: 10/09/2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1727-1.pdf>
- PRIMO, A. 2008. *Interação Mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição*. 2ª ed, Porto Alegre, Sulina, 240 p.
- RECUERO, R. 2009. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre, Sulina, 191 p.
- SÁ, S.P. 2002. Netnografias nas redes digitais. In: J.L. PRADO, *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo, Hacker, p. 147-164.
- SANTAELLA, L. 2002. A crítica das mídias na entrada do século XXI. In: J.L.A. PRADO (org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo, Hacker, p. 44-56
- SANTAELLA, L. 2007. *Linguagens líquidas na era da modernidade*. São Paulo, Paulus, 443 p.
- THOMPSON, J.B. 1998. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis, Vozes, 261 p.
- TRAVANCAS, I. 2008. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: J. DUARTE; A. BARROS (orgs.), *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 2ª ed., São Paulo, Atlas, p. 98-109.

Submetido em: 15/06/2010

Aceito em: 12/03/2011